

Out P.2 A onda do parlamentarismo 4 MAR 1993

Brasília

"Não dá pra ficar mais 12 meses sem governo. O país explode", disse ontem o presidente da Confederação Nacional das Indústrias, senador Albano Franco. Os relatórios que chegam em suas mãos trazem, segundo comentou, "péssimas notícias", resumidas no aumento dos preços e queda dos empregos. Presidencialista convicto, Albano passou a acreditar, depois do insucesso político das novas propostas lançadas pelo Ministério da Fazenda para conter a inflação, que a saída "honrosa" seria o parlamentarismo. "Está tudo levando ao parlamentarismo. E inclusive com meu voto", afirmou o deputado Delfim Netto.

hipóteses, apenas em abril haveria um plano econômico.

Apesar de todos os deslizos, fisiologias, demagogias, o Congresso é, hoje, a região geográfica mais representativa do país: fabrica desde Lula, passando por Roberto Campos, Afif Domingos, Florestan Fernandes, José Serra, até Afonso Arinos. Há de tudo —do pior e do melhor, tanto do ponto de vista intelectual como moral. Pode não ser muito. Mas é o que existe.

As contas dos parlamentaristas indicam maioria —e as contas dos presidencialistas indicam uma disputa dura. "Vai dar regime de gabinete", apostou ontem o senador Fernando Henrique Cardoso. "A onda está crescendo." Fernando Henrique, Albano Franco e Delfim vêem na proposta uma chance de reverter com menor trauma o clima de desgoverno —o próximo presidente eleito só tomaria posse em março de 1989. Só então teria seu ministério. Na melhor das

Fernando Henrique Cardoso supõe que tal grupo tenha representatividade e prestígio suficientes para tomar a única medida possível para abaixar a temperatura da crise: chamar os principais personagens da nação em torno de um acordo, de Mario Amato, da Fiesp, a Meneguelli, da CUT. Delfim Netto acha que o Congresso tem de assumir seu papel de alternativa contra o "colapso". "Está na hora de o Congresso ser responsável pelas irresponsabilidades que vem comentendo." Gilberto Dimenstein